TL 2435

==========

PROPAGANDA POLÍTICA OU A VERDADE DA RESISTÊNCIA POPULAR?

==========

A saída do primeiro número do boletim "Timor-Leste" provocou reacções diversas cujos ecos chegaram até nós. A iniciativa do CIDAC, ao lançar uma publicação regular sobre a luta do povo timor e da FRETILIN, foi saudada como acto indispensável, destinado a preencher um vazio e a quebrar um silêncio. Apesar de modesto na sua forma e de limitado na sua distribuição, o boletim vem corresponder a uma necessidade política pela qual nos sentimos responsabilizados: informar sobre uma luta que, sendo distante geograficamente, tem a ver directamente connosco porque nela se joga o combate de um povo contra o imperialismo mundial.

Algumas pessoas, porém, reagiram com certo cepticismo às informações contidas no primeiro número de "Timor-Lest". Perguntavam-nos: será verdade? Será possível que um povo, em tão difíceis condições, demonstre uma tão grande capacidade de resistência? A brutalidade da invasão militar indonésia, a desproporção de forças sobre o terreno, o isolamento geográfico, tudo isso não teria neutralizado de facto a acção da FRETILIN no território? A existência da República Democrática de Timor-Leste não será uma pura mistificação?

Semelhante cepticismo é frequente e tem-se manifestado a respeito de muitos outros casos. Houve reacções idênticas acerca das vitórias políticas e militares dos povos da Indochina ou das antigas colónias portuguesas em África, como igualmente hoje mesmo se olha com descrença o combate vitorioso da Frente Polisario no Sahará Ocidental. Quem reage assim fica sempre surpeendido quando, mais tarde ou mais cedo, se comprova que a vitória não era ficção e que a conquista da independência é uma realidade indiscutível.

Quando se conjugam a firmeza da linha política e a força da determinação popular, um povo em luta é capaz de resistir e de vencer. Quando um movimento de libertação se identifica com as aspirações das massas, quando as exprime e as dirige, quando confia nas suas próprias forças, a luta poderá ser prolongada mas a vitória é certa.

É este o caso em Timor-Leste.

Pela nossa parte, podemos assegurar que o nosso boletim não pretende distorcer a realidade com fins propagandísticos. Tudo faremos para não iludir a situação, antes reconhecendo eventuais erros e derrotas. Baseamo-nos em canais informativos de confiança e em testemunhos directos e responsáveis.

Mas também tomaremos inequivocamente partido por aqueles de quem somos solidários - o povo timor e a FRETILIN - cuja resistência popular armada faz frente corajosamente à agressão indonésia.

RELATORIO DE JAMES DUNN

Na sequência do relatório do ex-consul australiano em Dili, James Dunn, onde se acusa a Indonésia de ter chacinado milhares de timores aquando da invasão de Timor-Leste, uma delegação composta por cinco congressistas norte-americanos chegou no passado dia 13 a Jacarta, capital indonésia, para uma visita de 3 dias, com o fim de investigar tais acusações.

Por se tratar de um documento de um grande rigor no testemunho e de ter assumido uma enorme importância na luta pela defesa do povo timor face à agressão imperialista, iniciamos neste número a transcrição deste relatório.

A SITUAÇÃO EM TIMOR - LESTE

Relatório de entrevistas com refugiados de Timor - Leste

J.S. Dunn
Chefe
Secção Negócios Estrangeiros
do Serviço de Inquéritos Parlamentar.

11 de Fevereiro de 1977
Camberra

Visitei Portugal, entre 5 e 23 de Janeiro, por iniciativa de instâncias não-governamentais, entre as quais o Australian Catholic Relief e o Community Aid Abroad, que pagaram a minha viagem de avião para Lisboa. Estas organizações pediram-me para recolher informações sobre a sorte da comunidade de refugiados timores em Portugal e - se possível - sobre a situação humanitária no próprio Timor-Leste. A minha ideia era, sobretudo, poder obter uma imagem mais clara do que se tinha passado em Timor-Leste depois da invasão de Dili pela Indonésia, em 7 de Dezembro de 1975. O facto de quase todos os refugiados serem adeptos da UDT, entre os quais vários chefes deste partido, parecia oferecer uma oportunidade para obter uma visão um pouco mais equilibrada àcerca dos acontecimentos que levaram à guerra civil começada em Agosto de 1975, bem como sobre o que aconteceu no Timor indonésio, quando os restos da UDT se retiraram para lá nos fins de Setembro de 1975, e sobre o como e quando da intervenção militar indonésia.

Há mais ou menos 1.500 refugiados timores em Portugal. Quase todos foram repatriados em vários contingentes entre Julho e Outubro do ano passado. O ponto de concentração dos refugiados era Atambua, no Timor indonésio, onde a maioria estava concentrada em acampamentos desde Setembro de 1975. Mas um pequeno número de refugiados tinha conseguido chegar a Atambua a partir de várias regiões de Timor-Leste, tendo alguns chegado pouco antes do momento da repatriação. Um pequeno número dos timores que estão em Portugal - talvez uns 25 - passou portanto uns meses sob ocupação indonésia. Alguns tinham trabalhado para eles, ou na administração por eles organizada. (...) Na comunidade timor em Portugal também se encontra um certo número de antigos chefes da UDT (...).

A Comunidade Timor em Portugal

A maioria dos refugiados timores, nomeadamente os que estão no Estádio Nacional, perto de Lisboa, vive em circunstâncias deprimentes. Vivem apinhados em simples barracas ou tendas. Neste momento, no entanto, estão-se a construir casas pré-fabricadas que devem melhorar a situação habitacional. Devido à presença de cerca de 500.000 refugiados de outras colónias portuguesas, e a má situação económica dum país que sofre um desemprego de 20% e uma inflação de 26%, pouca esperança há para a pequena comunidade timorense, cujos membros estão numa posição muito desfavorável na procu

ra de trabalho. Refugiados de Angola ou Moçambique são, em geral, melhor qualificados. Mais ou menos 95% dos refugiados querem vir para a Austrália, onde mais de um terço deles diz ter familiares. A maior parte destes veio para a Austrália como refugiados em Agosto de 1975. Além do seu desejo de se juntarem aos familiares, as razões principais que davam para quererem ir para a Austrália, eram: melhores perspectivas de conseguir trabalho e de fixar-se; desejo de viver num clima mais parecido com o de Timor; e, em geral, de não viver muito longe de Timor. Todos têm a intenção de retomar contacto com amigos e familiares quando a Indonésia permitir outra vez o acesso ao território.

Como na Austrália, também em Portugal a comunidade timor é de atitude modesta e leal para com a autoridade. O Alto Comissário para os Refugiados, Tenente-Coronel Ribeiro, disse-me que os timores - ao contrários dos portugueses de Angola e Moçambique - nunca se queixam e apenas raramente tentam fazer pressão para melhorar as circunstâncias da sua vida que, provavelmente, são as piores de todos os refugiados do país.

Os refugiados, dos quais já conhecia alguns antes, respondiam bastante espontâneamente a perguntas sobre a situação em Timor-Leste e as suas próprias experiências. Embora não pusessem objecções quanto à publicação das suas experiências, preocupavam-se com eventuais represálias em Timor-Leste e pediram-me que não publicasse os seus nomes. Concordei. Mas a maioria fez-me saber estar disposta a falar diante de qualquer funcionário australiano, ou membros duma equipa de inquérito, que quisesse apurar melhor os assuntos de que falávamos, sob condição de os seus nomes serem protegidos.

Esclareci os meus interlocutores de que tinha vindo a Portugal como pessoa particular e não representava o governo australiano. Também tentava esclarecer os que me davam informações de que não procurava provas para instituir um processo contra a Indonésia. Disse por várias vezes aos Timores que a Austrália mantinha boas relações com a Indonésia e que, embora muitos de nós se preocupem com os acontecimentos em Timor-Leste, também estamos convencidos de que o procedimento da Indonésia não pode ser apresentado duma maneira tendenciosa. Quando havia Timores que forneciam informação sensacional ou sensível, eu pedia-lhes, repetidas vezes, que não exagerassem as suas histórias. Lembrava-lhes de que as suas possibilidades de irem para a Austrália não seriam aumentadas pela informação que me prestavam. Um sacerdote Timor, Padre Francisco Fernandes, acompanhava-me na maioria das minhas visitas às comunidades de refugiados. Notei que também ele, repetidas vezes, exortava os Timores a não exagerarem os seus relatos.

Durante a minha visita a Portugal visitei acampamentos com, mais ou menos, 900 Timores e falei com, talvez, 200 deles. Mas apenas em casos específicos fiz apontamentos detalhados das conversas. Tratava-se, então, de casos específicos que eram mesmo importantes. Embora a sorte dos jornalistas Australianos surgisse regularmente nas conversas, era expressamente minha intenção, não aprofundar este assunto em Portugal. Mas fazia apontamentos cada vez que davam informação sobre este acontecimento. É preciso ter em mente que, com o escasso tempo e os meios de que dispunha, mal tinha ocasião de juntar material para provas exactas. Embora creia que os meus apontamentos, em geral, são de confiança, parece-me justificado continuar na recolha de informação mais detalhada junto dos refugiados timores

(continua no próximo boletim)

ASSINA O NOSSO BOLETIM !

6 meses ---------- 50$00
R. Pinheiro Chagas, 77-2º E.
Lisboa

A GUERRA POPULAR DE LIBERTAÇÃO

Na sua mensagem de 30 de Março, através da Rádio Maubere, que emite regularmente a partir das zonas libertadas, Alarico Fernandes, ministro da Informação e Segurança da R.D.T.L., reafirmou o controle da FRETILIN sobre 80% do território de Timor-Leste.

Na mesma emissão, Alarico Fernandes expôs a posição de Timor-Leste quanto a possíveis negociações: "Nós já dissemos que com exploradores do povo não há lugar para conversações e que a única maneira de falar com eles é a linguagem das armas. Contudo nós desejamos falar com quem quer que possa dizer a Suharto que as tropas indonésias têm de ser retiradas imediatamente e incondicionalmente da República Democrática de Timor-Leste, de acordo com os pedidos feitos pela Assembleia Geral das Nações Unidas. De qualquer modo", acrescentou, "o povo de Timor-Leste está preparado e organizado para sustentar uma guerra prolongada."

Armas americanas utilizadas em Timor

No dia 17 de Março as forças da FRETILIN rechaçaram uma tentativa indonésia de tomar uma posição ocupada pelas forças patrióticas perto de VENILALE, a sul de Baucau. Essa tentativa causou a morte a 21 soldados indonésios e um elevado número de feridos. A FRETILIN não sofreu nenhuma baixa, disse Alarico Fernandes numa mensagem emitida pela Rádio Maubere no dia 27 de Março.

Noutras acções levadas a cabo pela FRETILIN em LOILOBU, perto de Baucau, 6 soldados indonésios foram mortos e muitos feridos. O resto da força inimiga fugiu desmoralizado.

Na área de QUELICAI, situada no sudeste de Baucau, 6 soldados inimigos foram mortos e muitos ficaram feridos. Barcos de guerra indonésios, aviões e artilharia pesada bombardearam fortemente as áreas de BOBONARO, COVALIMA, HERA e LOSPALOS sem contudo, provocar qualquer prejuízo sério.

Numa mensagem captada pela Campaign for Independent East Timor em Darwin no dia 20 de Março, Alarico Fernantes disse ainda que as forças da FRETILIN capturaram nas recentes semanas uma grande quantidade de armas oferecidas pelos americanos, muitas das quais com a inscrição "cortesia do governo norte-ameericano". As armas incluiam pistolas, Conn. USA, espingardas de repetição M15, granadas de morteiro e granadas de mão.

"É altamente significativo", disse Alarico Fernandes, "que quase a maior parte das armas capturadas pelas forças da FRETILIN aos soldados de Suharto tenham vindo dos EUA, e foram claramente ofertas daquele governo."

Malik confessa-se

Adam Malik, ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, admitiu que tivessem sido mortas durante a guerra em Timor "50.000, ou talvez mesmo, 80.000 pessoas".

Procurando defender-se dos ataques que lhe são movidos pela imprensa australiana, Malik acusou as tropas australianas deterem morto muita gente no Laos, Cambodja e Vietname, o que justificaria o genocídio praticado pelos indonésios em Timor-Leste.

Segundo um relato da AAP - Reuter de Jacarta, Malik referindo-se aos timores mortos pelas tropas indonésias, acrescentou: "Era possível eles terem sido mortos pelos australianos e não por nós. Quem sabe? Era a guerra... Então qual é o escândalo?" Malik não negou igualmente, o relatório transmitido pela Rádio Australia, com acusações dos EUA de que os indonésios utilizaram napalm durante a guerra.

==========

RELATÓRIO DE JAMES DUNN

==========

Prosseguimos hoje a publicação, iniciada no anterior boletim, do relatório de James Dunn, ex-consul australiano em Timor.

Como refugiados em Timor-Oeste

Todos os relatos da acção militar indonésia contra Timor-Leste e as circunstâncias sob a ocupação indonésia até Setembro de 1976, fornecem uma imagem crua da situação naquele território.

Excepto alguns chefes da UDT que gozavam da confiança dos indonésios, os timores eram, de facto, prisioneiros nos campos de refugiados, mesmo em Timor indonésio, segundo os próprios refugiados da UDT. Havia um grande número de relatos de como os adeptos da UDT eram, não somente desarmados, mas também roubados de tudo o que tivesse algum valor, obrigados a trabalhos forçados e, 48 horas depois de terem assinado, recebiam uma alimentação mínima, regra geral apenas 100 gramas de arroz por dia.

Um sacerdote formulou a acusação de que nada do que tinha sido enviado pela Cruz Vermelha Indonésia tinha chegado aos refugiados. Uma vez viu tendas no aeroporto e algumas quantidades de leite em pó no hospital de Atambua, mas os serviços hospitalares não estavam à disposição dos refugiados. Por outro lado, segundo este sacerdote, o número total de refugiados de Timor-Leste no Timor Indonésio nunca foi superior a 20 000. Disse ter presenciado o facto de os indonésios duplicarem conscientemente o número.

As circunstâncias nos campos de refugiados eram descritas como muito miseráveis. Condições médicas quase não havia e, em geral, os refugiados deviam pagar com a miséria de que ainda dispunham certos serviços, como por exemplo as injecções.

Entre Setembro de 1975 e Junho de 1976, muitas pessoas morreram por causa do mau tratamento. O bispo católico de Atambua e um certo número de timorenses indonésios mostravam sentir o sofrimento, mas apenas os militares dispunham de poder real. Em Atambua os refugiados eram regularmente humilhados. Ao falarem com militares indonésios deviam estar em sentido e às vezes eram obrigados a inclinarem-se e a dirigirem-se a eles com "bapak". Os campos de refugiados estavam sob guarda da armada e os timores não podiam entrar e sair livremente. Esta falta de liberdade continuou por muito tempo, mesmo depois de se afirmar que a situação em Dili e noutras cidades de Timor-Leste era outra vez segura.

Já de há muito tempo os refugiados tinham pedido licença para deixar Timor e ir para Portugal. Mas diziam que, se a comissão sob a chefia do general Morais e Silva e a Embaixada holandesa em Jakarta (que, sendo representante de Portugal, mostrava interesse a nível consular pela sorte dos timores em Atambua) não os tivessem defendido, nunca teriam obtido licença para abandonar Timor. Os chefes timores mostraram-me uma longa lista com nomes (calculo mais de 5 000) de timores que tinham pedido licença para ir para Portugal. Mas parece que só aqueles que, por acaso, estavam em Atambua entre Junho e Outubro de 1976, obtiveram licença para deixar o país. Entre estes encontrava-se um pequeno número de timores e de chineses que tinham conseguido chegar de Dili até ao ponto de concentração de Atambua.

Massacradas aldeias inteiras de montanheses

Sobretudo eu queria falar com aqueles timores que tinham vivido algum tempo em Timor-Leste depois da invasão indonésia. Entre os refugiados há cerca de 25 timores desta categoria e tive conversas mais ou menos prolongadas com mais de metade deles. Vista a importância dos seus depoimentos, eu tentava estar atento a que os seus relatos fossem o mais exactos possível. Em cada conversa, insistia em que não exagerassem ou distorcessem os acontecimentos. No entanto, sem excepção, mencionavam os excessos cometidos pelas tropas indonésias quando entravam em vilas e aldeias. Alguns destes depoimentos provinham de pessoas que diziam ter estado presentes. Outros relatos que apontei pareciam de fontes que pareciam de confiança (.....) que não tinham estado metidos na política em Timor-Leste e que, no princípio, não se tinham oposto com energia contra a "integração". Segundo os meus informadores, muitas das tropas indonésias matavam à toa desde o primeiro ataque contra Dili.

Mas (....) e (....) diziam ambos que as matanças nas aldeias das montanhas vitimaram muito mais pessoas do que em Dili. Nas montanhas, diziam, aldeias inteiras foram dizimadas com o avanço das tropas indonésias para o interior. Contaram-me como os indonésios mataram uma família inteira, só porque tinham ouvido dizer que a família tinha dado uma galinha aos soldados da FRETILIN; famílias foram mortas a tiro quando os indonésios descobriram uma bandeira da FRETILIN na sua casa. Segundo (....) toda a população chinesa de Maubara e Liquica foi morta a tiro pelas tropas indonésias quando entravam nestas aldeias. Um timor que disse ter acompanhado as tropas indonésias contou que, quando elas tomaram Remexio e Aileu, mataram todos os timores, excepto as crianças com menos de três anos, "porque tinham sido infectadas com a semente da FRETILIN". (....) contou-me também que os indonésios tinham morto a tiro mais de 150 pessoas na vila de Suai (na costa sul) porque tentavam impedir que as tropas indonésias violassem as suas mulheres.

2 000 refugiados mortos a tiro

Havia poucos relatos em primeira mão sobre a situação fora dos territórios Balibo/Maliana e Dili. Um destes é proveniente dum timor que contou estar em Baucau quando os indonésios atacaram a cidade em 10 de Dezembro de 1975. Disse que ao princípio havia poucas vítimas, mas que mais tarde as tropas matavam muitos chineses a tiro. Segundo este informador, tinha havido muitas pilhagens e, em Baucau, muitas raparigas tinham sido violadas. Contavam-me também que as lutas na área de Baucau / Los Palos / Viqueque tinham sido muito violentas no último ano, porque a FRETILIN efectuava lá operações intensivas.

Um timor (....) falava sobre um acontecimento ocorrido perto de Lamaknan (Lakmaras), um local de Timor-Leste próximo da fronteira. Este informador disse que (....) em Junho do ano passado, tinha ido de carro para esta área, onde as tropas da FRETILIN eram activas. Os indonésios incendiavam as palhotas dos refugiados timores. Quando os refugiados protestavam, os indonésios apontavam-lhes as espingardas. Segundo esta testemunha, que disse ter presenciado estes acontecimentos, as tropas tinham morto a tiro, calculava ele, 2 000 timores, dos quais alguns estavam de joelhos e outros tinham as mãos no ar. Entre as vítimas, dizia, havia mulheres e crianças.

Certo número de refugiados relatou os acontecimentos em Dili na altura da invasão indonésia e logo depois desta. Vários refugiados, tanto chineses como timores, estavam em Dili no momento da invasão e alguns ainda lá estavam em Setembro - Outubro do ano passado. Um deles (....) passou duas semanas de Abril em Dili, enquanto pelo menos dois dos refugiados se encontravam entre os que tinham sido levados para Dili, a fim de participarem no "acto de livre escolha".

(Conclui no próximo boletim)

A VIDA NAS ZONAS LIBERTADAS

"Alfabetizar é fornecer todos os instrumentos que levem à abertura de uma consciência revolucionária"

Publicamos neste número mais um excerto das declarações do Camarada Roque Rodrigues, membro do CC da FRETILIN e embaixador da RDTL em Moçambique, aquando duma sessão promovida pelo CIDAC sobre a situação em Timor-Leste.

"(...) Houve uma invasão em Timor. As áreas mais atacadas foram Dili e Baucau. Claro que o inimigo procurou que a sua acção se não circunscrevesse às cidades principais, mas que se alargasse a outras partes do país, de modo a submeter o povo de Timor ao seu controle. Nós tivemos que definir o movimento de resistência generalizada e reforçar a resistência. E para que se reforce a resistência existem outras frentes que, para além da militar, são extremamente importantes: as frentes da produção, da educação e da saúde.

Consideramos que alfabetizar é, acima de tudo, fornecer todos os instrumentos que levem à abertura de uma consciência revolucionária, a uma consciência nacionalista e patriótica. É nesse sentido que nós, na nossa acção alfabetizadora, somos completamente diferentes da acção alfabetizadora do colonialismo português.

Nós servimo-nos de uma maneira revolucionária do método Paulo Freire para levar a efeito a alfabetização em Timor. Alfabetização que se deve entender em primeiro lugar como consciencialização, como politização. Conseguimos logo após a invasão, servindo-nos dos nossos quadros, alfabetizar milhares de compatriotas que até aí não sabiam ler nem escrever. Com o avanço no sector da educação, procurando construir escolas que resistissem ao bombardeamento maciço dos aviões inimigos, nós fomos capazes de reforçar a defesa nacional, consolidando a própria unidade nacional.

Nas nossas escolas os professores não são seres privilegiados

Os professores recebem orientação directa do CC da FRETILIN, mais particularmente do Departamento de Orientação Político-ideológica e do Departamento de Mobilização de Massas da FRETILIN. Para quê? Para que possam de facto dirigir junto às escolas o movimento da produção. Esse movimento da produção vai, por um lado, reforçar a nossa consciência de oprimidos e, por outro lado, garantir a nossa auto-suficiência e ainda dar aos professores e aos alunos alguns conhecimentos que são fundamentais para uma guerra popular prolongada.

É neste sentido que, apesar do napalm, apesar das bombas de largo espectro utilizadas em Timor-Leste, o movimento de produção continua, tanto o que está como o que não está ligado às escolas.

Dizemos com orgulho que batemos todos os recordes de produção desde a presença do colonialismo em Timor. Tivemos pela primeira vez excedentes de produção e apesar de todas as dificuldades conseguimos materializar o transporte desses excedentes (intercâmbio).

É curioso, as crianças de Timor-Leste, tal como ontem as crianças do Vietnam, do Laos e do Cambodja, participam na luta de libertação nacional do seu povo. As crianças têm servido para denunciar os avanços e movimentações das tropas inimigas contra nós. Isso é uma tarefa das escolas e dos professores.

O uso da medicina tradicional

Fomos capazes de fazer ressurgir a medicina tradicional que dantes apresentava o aspecto de bruxedo, perante a qual as pessoas se mostravam incrédulas ou fascinadas. Hoje a medicina tradicional está a ser utilizada no tratamento dos nossos doentes e feridos. Apesar de não haver médicos, apesar das epidemias, temos sido capazes de salvar muitas vidas e de combater esse outro nosso inimigo que é a doença."

RELATORIO DE JAMES DUNN

Concluimos hoje a publicação, iniciada nos números anteriores, do relatório de James Dunn, ex-consul australiano em Timor.

Execuções num mosteiro

Alguns timores contaram factos sobre o comportamento das tropas indonésias durante a invasão. Segundo várias testemunhas, havia em 6 de Dezembro, imediatamente antes da invasão, um pressentimento geral de que um ataque indonésio estava eminente. Unidades da FRETILIN retiraram-se para trás de Taibesse, em direcção às montanhas. Muitas pessoas fechavam-se dentro das suas casas, mas um grupo bastante grande dirigiu-se para a ireja de Santo António, perto do farol na avenida em frente do porto de Dili. A igreja era um bom posto de observação se houvesse uma invasão indonésia. Conforme os relatos doe refugiados, barcos de guerra bombardearam Dili antes do nascer do sol, e um grande número de aviões metralharam a cidade, sem causar grandes danos. Quatro pessoas, dois timores e dois chineses, referiram-se à violência indiscriminada das tropas indonésias. Duas das pessoas que se tinham refugiado na igreja contaram-me que os paraquedistas, logo depois de chegarem a terra, pouco depois do nascer do sol, começaram a abater a tiro pessoas que estavam na rua. Um refugiado contou que vários paraquedistas se afogaram, porque cairam na baia, em vez de poisarem em terra. Uma refugiada que se encontrava nesse momento na igreja contou:

Às 7 da manhã, disse ela, tinha visto como os paraquedistas indonésios abateram a tiro uma mulher na garagem da paróquia, ao lado da igreja, e duas outras em frente da igreja, apesar de elas levantarem as mãos ao ar. Mencionou os nomes de duas delas. A seguir as tropas indonésias ordenaram a todos os que se encontravam perto da igreja que entrassem.

Às 9 da manhã do dia seguinte estas pessoas e outras receberam ordem dos soldados indonésios para irem ao estaleiro, onde estavam presas cerca de 27 mulheres, algumas timores, outras chinesas. Ela disse que um certo número de mulheres tinham crianças com elas e que todas choravam. Os indonésios arrancavam as crianças às mães e davam-nas à multidão. A seguir as mulheres foram abatidas a tiro, uma por uma. Os indonésios deram ordem aos presentes para fazerem a contagem.

Às duas horas da tarde 59 homens, chineses e timores, foram levados para o estaleiro. Um deles era (....) cuja viúva, segundo me contava a minha informadora, se encontra agora com dois filhos na Austrália. Estes homens eram abatidos um por um. De novo os presentes tiveram de fazer a contagem. Foram cerca de 500, calculava ela. As vítimas deviam pôr-se na ponta do cais, de modo a que os corpos caissem na água ao serem abatidos. Os soldados indonésios abriam fogo sobre os corpos na água, quando estes ainda davam sinais de vida. Muitos dos homens - tal como o tinham feito as mulheres antes de serem executadas - suplicavam aos indonésios, alguns de joelhos, mas ninguém do grupo foi poupado. Um outro informador contou-me que no dia seguinte os corpos deram à costa, em frente da casa do bispo, tendo os timores recebido ordens para os retirar daí. Estes informadores disseram-me terem ouvido dizer que as execuções no estaleiro tinham continuado.

Ódio à bandeira australiana

Houve um chinês que afirmou ter ouvido duma testemunha ocular dados àcerca desta matança cega. Viu como os indonesios abateram a tiro um grupo de dirigentes chineses, na rua, ao pé do Hotel Mimosa, e o condutor de um jeep da Cruz Verme

lha, que era conhecido como tal. Um outro relatou a matança de um grupo de trinta pessoas, no dia seguinte ao da invasão, fora do antigo quartel general da polícia militar. Havia vários relatos sobre o assassínio de um grande número de homens chineses, separados das suas famílias e a seguir abatidos a tiro. Uma destas execuções teria tido lugar no loja Toko Lay. O meu informador disse que os indonésios se tinham enfurecido ao verem a bandeira australiana hasteada no terceiro piso deste edifício. Subiram e abateram todos os homens que se encontravam numa das salas - ao todo 20 refugiados. No dia seguinte ao ataque jaziam cadáveres espalhados por toda a parte, em todas as ruas de Dili, sendo muitos deles de mulheres e alguns de crianças. Pelo menos dois refugiados em Portugal contaram-me terem recebido ordem das tropas indonesias para ajudar a arrumar os cadáveres.

Segundo um informador, um grande número de timores foram abatidos na área de Taibese, onde os indonésios mataram famílias inteiras, apanhadas nas casas em que havia bandeiras da FRETILIN hasteadas. Outros contavam que os indonésios tinham morto muita gente perto do aeroporto, lançando simplesmente granadas de mão para dentro das casas. (....) mencionou um número de 60 pessoas mortas desta maneira. Conforme o testemunho de (....) foram os chineses quem mais sofreu durante os primeiros dias a seguir à invasão. Só no primeiro dia, disse ele, ouviu dizer que pelo menos 500 chineses tinham sido mortos pelas tropas indonésias. Além dos massacres na área do estaleiro e do quartel general da polícia, segundo os meus informadores, grupos de pessoas foram abatidos conscientemente em Villaverde, ao pé de Sang Tai Hu, Santa Cruz, ao pé da loja de Lay Ju Man, juntó do antigo consulado australiano (onde um certo número de enfermeiras teria sido abatido), fora da casa de João de Martines, um antigo director da Alfândega, e ao pé do antigo quartel general da Cruz Vermelha Internacional.

Até as janelas foram roubadas

Todos os refugiados disseram que os soldados indonésios, logo desde o primeiro dia da invasão, pilhavam em grande escala. Imediatamente a seguir à invasão perto de Dili, conforme o relato de várias testemunhas, a maior parte da população da cidade recebeu ordens para se dirigir para um local perto do aeroporto. Quando regressaram, as suas casas estavam completamente pilhadas e em certos casos mesmo totalmente vazias. Carros, rádios, móveis, serviços e talheres, até janelas foram levados para os barcos que estavam no porto e que mais tarde se afastaram de Timor. A maior parte dos carros deixados em Dili foram levados para bordo pelos soldados indonésios. A maior parte dos tractores que estavam na área de Dili também foram levados, segundo os informadores. As igrejas e o seminário também foram pilhados e os livros deste último foram queimados.

De acordo com as declarações dos refugiados, as execuções na área de Dili continuaram até ao fim de Fevereiro. Apenas o terreno das execuções tinha mudado do estaleiro para Tasitalo, perto do aeroporto, diziam. Segundo um informador, ainda em 17 de Agosto do ano passado, algumas pessoas foram mortas por se terem recusado a participar nas festividades do Dia da Independência Indonésia. Uma informadora disse que conhecia pelo menos três das vítimas: entre as quais um chinês (....) que ela conhecia bem. Conforme um depoimento, alguns indonésios, nomeadamente alguns oficiais, tentaram, entre Março e Abril de 1976, melhorar as relações com a população local. Mas, segundo este informador, estas tentativas eram continuamente contrariadas pela continuação das pilhagens e pelas violações praticadas pelos soldados. Contaram-me que os soldados indonésios tinham o costume de agarrar raparigas jovens, carregá-las em camiões, para depois as violar. Também se acusava uma unidade especial de informação, que operava a partir do último andar do Hotel Tropical, de recorrer regularmente a torturas para obter informações sobre a FRETILIN. O oficial que chefiava esta "unidade de interrogações" era o major Yusman, que trabalhava sob as ordens do chefe supremo do serviço de informação de Timor-Leste, ccronel Sinaga, um homem que, como se diz, é odiado e temido. Uma testemunha feminina disse conhecer duas mulheres que foram torturadas para se lhes arrancar informações sobre a FRETILIN. Disse que (....) e (....) foram despidas até estarem nuas e que os

seus seios foram queimados com cigarros. Disse também que foram utilizados choques electricos nos seus corpos.

Disseram-me que Dili se tinha tornado relativamente segura depois de Abril, embora ainda se pudessem ouvir tiros durante a noite. (....) disse-me que quando foi de carro de Dili para (....) (distanciado mais ou menos 5 Km da cidade), em Abril de 1976, o seu jeep era acompanhado por três blindados e um camião cheio de soldados. Durante a viagem apanharam alguns tiros e os soldados indonésios insistiram em estar de regresso antes da noite cair. Embora Dili estivesse relativamente calma depois de Abril, os refugiados falavam duma crescente falta de alimentos. Uma mulher que deixou Dili em Setembro disse que as relações entre os indonésios e a comunidade timor e chinesa eram muito más quando ela partiu. Disse também que havia muito pouca alimentação disponível para a população de Dili, e que quase nada era posto à disposição das pessoas de fora da cidade. Disse que era possível obter uma ração de três pequenas latas de leite condensado com arroz por semana, mas que as pessoas mais simples não podiam arranjar carne. Disse que se comia carne de cão, quando era possível encontrá-la. Um certo número de lojas estava novamente abertas, mas sob a gerência de indonésios ou árabes (uma pequena comunidade islâmica na área de Dili que apoiava a Apodeti), mas o povo não tinha dinheiro para comprar o que estava à venda.

Todos os refugiados diziam que os indonésios continuavam a tomar uma atitude de hostilidade arrogante para com a população local. Em geral os timores tinham de fazer continência quando falavam com os soldados rasos indonésios. Se recusavam, batiam-lhes. Quando as casas já não tinham nada, os soldados indonésios viravam-se para os túmulos dos europeus e dos timores mais abastados. Contaram-me (....) que os indonésios desenterraram o túmulo do Padre Martins em Maliana (há doze anos passei uma noite na missão dele) e lhe arrancaram os dentes de ouro. Também os túmulos dos chefes das povoações eram escavados pelos soldados indonésios à procura de espólios (os chefes timores em geral são enterrados com uma parte das suas joias).

Os refugiados disseram que o oficial indonésio mais graduado em Dili era o brigadeiro-general Dading. Era descrito como o "Panglima" ou comandante das forças armadas em Timor-Leste. Mas o comandante supremo era o major-general Moerdani, que quase sempre vivia em Kupang, segundo me contou um chefe da UDT. Outros oficiais de alta patente em Dili eram o coronel Sinaga e o major Anton Papilaya, que era um responsável altamente colocado no sector das informações. O general Dading vivia numa casa na área do Farol, que antigamente era habitada por um major português. Todas as casas da área do Farol, que antes eram habitadas por funcionários, estavam agora, conforme me disseram, ocupadas por tropas. Quando as delegações das Nações Unidas ou estrangeiras visitavam Dili, as tropas eram mandadas para fora da cidade ou vestidas à civil. Tanto o comandante militar como o governo provincial de Araújo estavam instalados no palácio governamental. Os funcionários timores do governo provisório tinham no entanto pouco poder, porque Timor é dominado pelos militares que se encontram em cada escalão do governo.

Vários refugiados contaram-me que os indonésios tinham instalado um cemitério de guerra numa praça em frente do estaleiro. (....) disse que havia mais de 600 campas neste cemitério, e que além deste ainda havia cemitérios em Maliana, Ainaro, Baucau e Batugadé. Em Maliana viu a campa dum brigadeiro general. Um timor (....) disse que em Dili havia quase 1000 campas indonésias e que um dos mortos era um tenente-coronel. Segundo estes relatos, mais de 3000, talvez mais de 5000 soldados indonésios foram mortos nas lutas em Timor-Leste. Disseram-me que a resistência da FRETILIN (e numerosos membros da UDT e mesmo da APODETI tinham-se juntado à FRETILIN depois da invasão, segundo me disseram), era de tal maneira uma realidade, que o governo indonésio apenas se estendia até alguns quilómetros fora dos centros populacionais. A terrível matança cega tinha afastado a população e provocara um grande apoio à FRETILIN por parte do povo.

Perguntei aos chefes da comunidadade dos refugiados se era possível que tivessem sido mortas em Timor-Leste 100 000 pessoas. Todos me disseram que este número era crível, tendo em conta os massacres generalizados nas regiões montanhosas e os grandes bombardeamentos (contava-se que nos últimos meses se usava napalm). Muita gente tinha abandonado as grandes cidades e as aldeias e encontravam-se agora nas montanhas, em áreas que estavam mais ou menos sob administração da FRETILIN. Os timores (.....) diziam que havia em Setembro mais ou menos 30 000 indonésios em Timor-Leste. A última informação relacionada com a situação em Timor datava de Novembro. Um chinês que tinha deixado Dili naquela altura (....) disse que com o começo da época das chuvas a situação de insegurança tinha piorado. A alimentação era muito escassa em Dili, porque não podia ser transportada das áreas onde era produzida.

Informações sobre os jornalistas australianos assassinados ou desaparecidos

Um certo número de timores deram informações sobre o incidente de Balibó e a sorte de Roger East. Entre estas testemunhas encontravam-se chefes de (....) e timores que diziam ter estado em Balibó no dia do ataque, durante o qual os cinco jornalistas australianos foram mortos, ou seja na quinta-feira, dia 16 de Outubro de 1975. Alguns outros passaram lá pouco tempo depois do incidente e deram informações em segunda mão de como os jornalistas tinham sido mortos. Mais uma vez leve insistir em que não era minha intenção fazer um inquérito à parte sobre a sorte dos jornalistas, mas visto que eu estava em Timor na altura do incidente de Balibó, parecia-me aceitado juntar estes dados.

Um chefe de (....) disse que o ataque contra Balibó e Maliana no dia 16 de Outubro de 1975 foi a primeira grande intervenção em Timor. No entanto, no dia 6 de Outubro já tinham atacado Batugadé, obrigando as tropas da FRETILIN a retirarem-se para Balibó. Ele disse que o ataque contra Balibó e Maliana era um assunto exclusivamente indonésio, sob o comando do coronel Dading (mais tarde promovido a brigadeiro-general). O ataque propriamente contra Balibó era comandado por um major, Leo ou Leos. Um pequeno número de timores - entre 50 e 100 - acompanhava os indonésios, mas o seu papel estava limitado ao de portadores e guias. Eram dirigidos por Tomás Gonçalves, que há uns meses tinha sido chefe da APODETI no Timor Indonésio. Este informador disse que ele próprio não tinha ido para Balibó naquele momento, mas que, segundo as informações que tinha recebido dos seus homens que tinham ido com os indonésios, o relatório de Martins estava, na generalidade, certo. Disse que pelo menos dois dos jornalistas tinham sido mortos a tiro, de propósito, pelos indonésios. Disse também que estes tinham colocado dois dos cadáveres atrás de uma espingarda colonial, e que tinham tirado fotografias com o objectivo de utilizar esta fotografia como prova de que os jornalistas lutavam ao lado da FRETILIN. Disse que, apesar de não ser testemunha disso, mais tarde tinha visto a fotografia. Depois disso ouviu dizer que o Bakin (serviço indonésio de informação) tinha decidido não fazer uso dela. Este informador e dois outros refugiados (entre os quais um sacerdote) contaram-me separadamente que João Tavares (antigo chefe da UDT, que ligou a sua sorte aos indonésios e agora é bupati de Maliana), estava em Balibó mais ou menos no momento em que os jornalistas foram mortos e roubou o relógio de um dos jornalistas mortos e uma máquina fotográfica de um outro cadáver. Um timor (....) disse que esteve na aldeia pouco depois da morte deles. Disse que tinha visto os corpos de pessoas que julgava serem os jornalistas, na casa de Lay Fah Nhang. A seguir os cadáveres foram transportados para outra casa e queimados. Também disse que (....) tinha ido para Balibó com os indonésios e viu como um jornalista tinha sido abatido por um indonésio, cujo primeiro nome, segundo julgava, era Gabriel. (....) tinha dito que dois dos jornalistas tinham sido abatidos dentro de casa e os outros fora.

Um timor (....) tinha também outra informação sobre a morte dos jornalistas. Disse que, embora ele próprio não estivesse presente no momento do ataque contra Balibó, toda a gente estava a par do facto de que os jornalistas tinham sido mortos na casa de Lay Fah Nhang. (....) disse que estava em Balibó quando

alguns diplomatas australianos visitaram a cidade para fazerem um inquérito sobre a morte dos jornalistas. Acrescentou que os indonésios davam ordens aos timores para que desaparecessem do centro. As tropas indonésias tinham sido vestidas à civil e foi com eles que os diplomatas australianos contactaram. O único timor com quem os australianos tinham falado, disse ele, era o João Tavares, agora bupati do distrito de Maliana. Disse que não tinham levado os diplomatas à casa onde os jornalistas tinham sido mortos, mas conduziram-nos a uma outra casa, a de Lay Cam Nhang. (....) também informou que João Tavares, no momento do incidente, tinha roubado algumas coisas dos cadáveres dos jornalistas, entre as quais um relógio e uma máquina fotográfica.

Um outro timor (....) informou-me que um grande amigo dele tinha acompanhado os indonésios no seu ataque contra Balibó. Disse que (....) lhe tinha contado que tinha visto um jornalista no terreno em volta da casa e dois outros com as mãos no ar. Segundo este timor, o amigo dele contou-lhe que tinha visto que estes dois jornalistas tinham sido abatidos pelas tropas RPKAD. Por fim houve ainda um relato de um timor que disse que (....) ia para Balibó mesmo no momento do ataque, na manhã de 16 de Outubro. Entrou na aldeia pouco antes de as tropas lá chegarem. (....) entrou na casa de Lay Fat (também chamado Lay Fah Nhang) e viu vários cadáveres no chão. Um australiano, no entanto, não estava morto. Corria sangue duma ferida na cabeça, mas estava sentado, direito, e falava para um gravador ou para um rádio. Enquanto estava no quarto, entrou um soldado indonésio e abateu a tiro o australiano ferido. Uma outra informação veio através de (....) que disse que tinha ido com Tomás Gonçalves para Balibó e que tinha visto os cadáveres dos jornalistas, que naquele momento jaziam em frente da casa de Lay Feh Nhang. Disse que não podia aproximar-se dos cadáveres.

Sobre Roger East ouvi só uma coisa. Supõe-se que se encontrava em Dili no dia 7 de Dezembro de 1975. Um chefe timor disse-me que, embora não tivesse informações em primeira mão sobre o que tinha acontecido a East, ele tinha visto o passaporte dele juntamente com umas folhas de apontamentos sobre uma aterragem de paraquedistas. O seu informador disse que um funcionário lhe tinha dito que as tropas indonésias tinham abatido a tiro East e alguns timores num apartamento em Dili, entre o Sporting Club e o BNU (Banco Nacional Ultramarino) em 7 ou 8 de Dezembro de 1975.

Conclusão

Uma análise da informação que recolhi junto dos refugiados em Portugal aumenta consideravelmente o peso dos relatórios, apenas esboçados, até agora recebidos na Austrália, e provenientes de fontes indonésias, timores, chinesas e da FRETILIN, segundo os quais a conquista militar de Timor-Leste pela Indonésia foi uma operação sangrenta, durante a qual se cometeram crueldades de caracter inquietante contra a população civil. Estes relatórios sobre o comportamento indonésio em Timor-Leste dão mesmo a impressão de que a sorte deste povo poderia ser - falando em termos de relatividade - a violação mais grave dos direitos do homem com a qual o mundo é neste momento confrontado. É impossível dar fundamento a informações de que um sexto da população teria sido morto, e muito menos isso se pode provar, mas o facto de estas informações continuarem a circular dá uma ideia da dimensão da tragédia em Timor.

Os relatos dos refugiados sobre os acontecimentos em Balibó dão a impressão de que pelo menos alguns dos jornalistas podem ter sido assassinados conscientemente pelos soldados indonésios. Estes relatos, embora não sejam determinantes, são regra geral conscientes e podem abrir novos caminhos para um inquérito. As histórias dos refugiados parecem no entanto ser determinantes num ponto: é certamente impensável que o ataque contra Balibó fosse algo que não fosse uma operação militar indonésia, na qual a participação timor era diminuta e de caracter não-combatente. Parece portanto fora de qualquer dúvida que a responsabilidade pelas consequências desta operação cabe ao comando militar indonésio em Timor.

Este relatório não é, em qualquer aspecto, um estudo definitivo das informações disponíveis entre a comunidade timor em Portugal. Factores de tempo e distância fizeram com que não encontrasse um grande número de timores que podiam ter contribuído para o nosso conhecimento sobre aspectos importantes desta situação trágica.

Para não me alongar demais, omiti neste relatório grande número de informações que recolhi durante a minha estadia em Portugal. Em geral omiti também os nomes das pessoas. No entanto, estes podem ser revelados quando necessário, e quando fôr dada a garantia de que não serão utilizados confidencialmente.

J. S. Dunn

NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BRE

. A guerra popular de libertação

Cerca de 20 000 soldados indonésios foram mortos em Timor-Leste durante o passado ano e meio, pelas forcas da FRETILIN, informou Alarico Fernandes, ministro da Informação e da Segurança Nacional da República Democrática de Timor Leste, através da Rádio Maubere no passado dia 25 de Abril. Tal notícia foi dada "com alegria", como disse Alarico Fernandes, porque são filhos do povo indonésio que estão a ser vítimas de uma guerra injusta de agressão. "Mas nós temos de defender as vidas do povo da República Democrática de Timor Leste do regime criminoso de Suharto",

Segundo informou ainda Alarico Fernandes, entre 15 e 24 de Abril, foram mortos 159 soldados indonésios, num total de 16 recontros entre as FALINTIL e o inimigo.

De acordo com declarações de Roque Rodrigues, membro do Comité Central da FRETILIN e embaixador da RDTL na República Popular de Moçambique, durante a sua recente passagem por Lisboa, "os bombardeiros indonésios têm ultimamente bombardeado os subúrbios de Dili. Ora, com tais operações, os indonésios não pretendem matar mosquitos. Os "mosquitos" são os guerrilheiros da FRETILIN, as heroicas FALINTIL, que estão, de facto, às portas de Dili" - concluiu aquele dirigente.

. Americanos apoiam agressão indonésia

Segundo o jornal australiano "Tribune", do passado dia 20 de Abril, os membros do Congresso americano que recentemente, em visita guiada, estiveram nas zonas ocupadas pela Indonésia, deram, abertamente, cobertura à agressão do regime de Suharto contra Timor-Leste,

O congressista republicano Goodling lamentou que a invasão não tivesse tido lugar alguns meses mais cedo". Enquanto que a "democrata Carteriana", Srª. Meyner, apoiou com ardor a "integração", dizendo que não havia falado com ninguém que se lhe opusesse.

Os dois congressistas americanos passaram uma noite em Dili e visitaram outras duas cidades ocupadas pelos indonésios - Baucau e Viqueque. Contudo a srª. Meyner admitiu que durante esta visita tinham sido "acompanhados" por uma numerosa escolta militar no trajecto de 8 Km que separam o aeroporto da cidade de Baucau,

Para o Comité australiano para a Independência de Timor Leste (CIET) a visita daqueles dois congressistas americanos destinou-se a sancionar o incremento da "ajuda" americana ao regime indonésio na sua política de genocídio em Timor Leste.

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS EM TIMOR DESDE O 25 DE ABRIL 1974

Esta cronologia dos acontecimentos mais importantes ocorridos em Timor-Leste, após o 25 de Abril e que se prolongará nos próximos boletins, visa sómente recordar tais acontecimentos, não impedindo posteriores artigos mais detalhados.

1975

Junho - Cimeira de Macau, com a presença de representantes do Governo Português, da UDT e da APODETI. A FRETILIN recusa estar presente, devido á participação da APODETI, defensora da integração na Indonésia e, portanto, traidora aos superiores interesses do povo de Timor-Leste.

Junho - Desloca-se uma delegação da FRETILIN ás cerimónias da independência de Moçambique, composta pelos Presidente e Vice-presidente do Comité Central e um membro do Comité Político, respectivamente, Francisco Xavier do Amaral, Nicolau dos Reis Lobato e Mari Alkatiri.
A delegação da FRETILIN contacta, aí, as delegações do PAIGC e do MPLA, bem como o Presidente e o Vice-presidente do Comité de Descolonização da ONU, que afirmam que a Cimeira de Macau " não tem qualquer valor", porque " nem se pode falar de integração".

Julho - Publicação da Lei Constitucional nº 7/75 do Conselho da Revolução, em que se fixa o processo e o calendário da descolonização de Timor.
Nela se prevê a eleição de uma Assembleia Popular em Outubro de 1976, a quem competirá a definição do futuro político de Timor. Prevê-se, igualmente, a criação de órgãos transitórios, que compreendem: um Alto Comissário, um Governo e um Conselho de Governo, onde estariam representadas as associações políticas de Timor.

Julho - Reunião da Assembleia do MFA de Timor, onde é constituido o Gabinete de Dinamização das Forças Armadas em Timor (GADIFAT).

Julho - O presidente Suharto, da Indonésia, afirma públicamente que Timor não poderá tornar-se independente face ás suas carências económicas e que não deve permanecer ligado a Portugal devido á enorme distância geográfica entre os dois territórios. Afirma ainda que " a maioria da população de Timor Português seria a favor da integração na Indonésia".